

CARTOGRAFIAS POÉTICAS – A ARTE QUE HABITA A ESCOLA

Naiara Virginia da Silva Nascimento ¹

RESUMO

O relato experiência aborda o processo criativo do projeto Cartografias Poéticas: a arte que habita a escola que foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2025 pela supervisora Naiara Nascimento, juntamente a oito bolsistas do PIBID-Teatro/UFSJ, na Escola Estadual Professor Iago Pimentel. A proposta teve como base os documentos curriculares oficiais — BNCC, Currículo Mineiro e Caderno MAPA — e visou articular teoria e prática por meio de experiências nas linguagens artísticas. A partir de observação das aulas da supervisora, os bolsistas iniciaram um percurso que envolveu estudo teórico, escolha de linguagens artísticas (como teatro, artes visuais, música, etc.) e o desenvolvimento de propostas pedagógicas pessoais. Essas propostas priorizaram o processo criativo, o diálogo com os estudantes e a valorização do território escolar como espaço de criação. Como resultado, foram produzidos objetos artísticos: um jogo pedagógico, um quadro cênico inspirado no conto *A Ilha Desconhecida* e a galeria visual *MÃOS DO IAGO*. Essas criações refletiram o envolvimento afetivo, estético e crítico dos estudantes, e reforçaram a escola como lugar de pertencimento, expressão e invenção.

Palavras-chave: Formação de professores, Processo criativo, Protagonismo.

INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 47)

A afirmação de Paulo Freire nos provoca a compreender o ato de ensinar como um processo ativo, dialógico e comprometido com a realidade do estudante. Ensinar, nesse sentido, é mais do que repassar conteúdos: é possibilitar que o outro produza sentido a partir da própria vivência.

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do PIBID Teatro, na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, a partir do olhar da professora/supervisora que acompanhou o processo. Inspirado na concepção freiriana de

¹Mestra em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); licenciada em Teatro pela mesma instituição. E-mail: naiav.silva@gmail.com





educação e na proposta do PIBID — que busca contribuir para uma formação docente crítica e contextualizada —, o trabalho foi construído com base na escuta, na observação e na criação conjunta com os bolsistas e os estudantes da escola.

A experiência aqui narrada propõe refletir sobre a função do professor como mediador entre os conhecimentos escolares e as vivências dos alunos, valorizando suas referências culturais, modos de vida e realidades sociais como ponto de partida para que o conhecimento, de fato, aconteça.

"A área de Arte propõe práticas pedagógicas que favoreçam a escuta sensível, o olhar atento, a imaginação, a criação e a reflexão crítica sobre o fazer artístico e o mundo." (BNCC, 2018, p. 178).

Considerando esse princípio, que coloca o estudante como protagonista no processo de ensino e aprendizagem, e ao mesmo tempo busca oferecer aos bolsistas uma aproximação concreta com o cotidiano escolar, foi idealizado um trabalho que articulasse teoria e prática. A proposta permitiu que os bolsistas vivenciassem a prática docente de forma mais consistente e construíssem um olhar mais crítico sobre a realidade da educação básica.

O projeto foi planejado para se desenvolver ao longo do primeiro e do segundo bimestres, culminando em uma apresentação artística ao final do semestre, como síntese das experiências formativas vividas ao longo do percurso.

Os bolsistas foram convidados a investigar os documentos norteadores do processo educacional, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais. Além disso, realizaram observações das aulas da professora/supervisora na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, localizada no bairro Tijuco, periferia de São João del-Rei. O público atendido pela escola é majoritariamente composto por famílias de baixa renda, frequentemente em situação de vulnerabilidade social.

A partir da análise dos documentos e das observações realizadas, a professora/supervisora orientou os bolsistas a refletirem sobre, dentro da linguagem artística, quais temas e práticas gostariam de desenvolver com os estudantes. Com base nessas reflexões, cada bolsista elaborou um pequeno projeto pedagógico a ser implementado na escola, cujo desfecho seria a criação de uma obra artística.

A escola é, muito mais do que um espaço de transmissão de saberes, um território de trocas simbólicas, afetos e descobertas. A proposta do projeto foi transformar experiências





educativas em objetos artísticos, possibilitando que os alunos criassem, sentissem e se reconhecessem nas produções que desenvolviam.

Esse trabalho nasceu da colaboração entre uma professora/supervisora de Arte e oito bolsistas do PIBID Teatro, que, em diálogo constante com a BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais, construíram percursos pedagógicos nas linguagens artísticas fundamentados na escuta, na observação, na afinidade e na prática.

METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Estadual Professor Iago Pimentel. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e se fundamenta na perspectiva do relato de experiência como dispositivo formativo, privilegiando a escuta, a observação e a reflexão a partir da prática. O percurso metodológico foi construído em cinco momentos interligados, que não seguiram uma linearidade rígida, mas se desenvolveram em espiral, permitindo retomadas, ressignificações e derivações criativas ao longo do processo.

O objetivo geral foi promover experiências de ensino-aprendizagem em Arte que integrassem teoria e prática, por meio do protagonismo dos bolsistas do PIBID e dos alunos da escola, com base nos documentos curriculares oficiais. Para tanto, os bolsistas se dedicaram ao estudo dos fundamentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Currículo Mineiro e do Caderno MAPA, buscando compreender como esses referenciais dialogam com a prática docente em Arte. A partir dessas leituras e vivências, foram propostas práticas pedagógicas que valorizassem a diversidade de expressões e linguagens artísticas, respeitando os múltiplos modos de ser, criar e aprender.

Um dos focos centrais do trabalho foi estimular a autoria e o sentimento de pertencimento dos estudantes, incentivando-os a criar objetos artísticos que expressassem suas experiências, visões de mundo e imaginários. Além disso, buscou-se fomentar uma relação viva entre arte, escola e território, reconhecendo o contexto local, com sua cultura, memória e geografia afetiva, como um campo fértil para a criação artística e o fortalecimento dos vínculos entre alunos, escola e comunidade.

O olhar do supervisor como linha que costura criações





A proposta desenvolvida pelos bolsistas do PIBID tinha como princípio norteador a criação de um elemento artístico, não apenas como produto final, mas como forma de proporcionar aos estudantes uma experiência estética que os aproximasse do processo criativo vivido por artistas. A intenção era romper com uma prática pedagógica somente teórica, oferecendo aos alunos a possibilidade de vivenciar o fazer artístico, compreendendo que para se fazer arte existe um processo que é feito de tentativas, erros, escolhas, intuições, materiais, contextos, e também de teoria.

Ao vivenciarem esse processo, os estudantes puderam experimentar não só técnicas e linguagens, mas também o percurso sensível que envolve criar. Como professora de Arte, acredito que é fundamental oferecer aos estudantes oportunidades para explorar diferentes linguagens artísticas, compreender seus códigos e modos de existência, e reconhecer que toda produção artística carrega intenções, contextos e subjetividades.

Do ponto de vista da supervisão, a proposta também teve como objetivo permitir aos bolsistas vivenciar as tensões reais da prática docente em Arte, enfrentando desafios cotidianos como o pouco tempo de aula, a escassez de recursos materiais, o desinteresse de parte dos estudantes e os atravessamentos do contexto escolar. Esses desafios não foram ignorados, mas incorporados como parte do processo formativo, pois ensinar arte na escola pública é também um ato de resistência, invenção e negociação constante com a realidade. Esse percurso se alinha aos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a Arte como uma área do conhecimento fundamental na formação humana. A BNCC afirma que:

"As linguagens da Arte possibilitam formas de perceber, sentir e expressar o mundo. A Arte na escola tem como função propiciar experiências que desenvolvam a sensibilidade, a percepção, a imaginação, o pensamento crítico, a expressão e a reflexão, contribuindo para a formação integral dos estudantes." (BNCC, Ensino Fundamental, p. 178)

Além disso, a BNCC destaca que:

"As experiências artísticas na escola devem propiciar o contato com processos de criação e produção, fruição e reflexão sobre as diversas formas de manifestação artística." (BNCC, p. 178)

Ao priorizar a vivência, o processo e a criação, o projeto desenvolvido pelos bolsistas se configura como um espaço de formação artística não apenas para os alunos, mas também para os próprios futuros professores, que aprenderam, na prática, que o ensino da Arte se constrói entre o sensível e o real, entre o desejo de criar e as limitações do cotidiano escolar.





O processo vivenciado pelos bolsistas passou por diferentes momentos, construídos de forma dialógica e contínua. No primeiro momento, os bolsistas do PIBID Teatro realizaram estudos dos documentos orientadores da educação básica — a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e o Currículo Referência de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2018). A BNCC compreende a Arte como campo do conhecimento que promove a ampliação das percepções, imaginações e reflexões, ao possibilitar aos estudantes a experiência com diferentes práticas e linguagens, favorecendo processos de criação, fruição e análise crítica.

Segundo momento, acompanharam as aulas da professora/supervisora, observando a dinâmica da escola e os interesses dos estudantes. Tal observação não se limitou ao acompanhamento técnico das estratégias didáticas, mas buscou identificar as dinâmicas próprias do ensino de arte, os modos de interação entre os sujeitos e os sentidos construídos no cotidiano escolar, numa postura de escuta ativa e sensível, como propõe a BNCC. Esta etapa foi fundamental para sensibilizar os bolsistas às singularidades do contexto em que atuariam.

Cada bolsista recebeu um diário de bordo Diário de bordo com sugestões de para ajudar na observação e registro das aulas observadas. As perguntas tinha o intuito de ajudar a registrar detalhes importantes da aula e refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem. As perguntas eram: Qual foi a data e horário da aula?; Quantos alunos estavam presentes?; Qual foi o tema da aula?; Como o professor iniciou a aula? (exemplo: revisão, apresentação do tema, perguntas aos alunos); Quais recursos foram usados? (quadro, slides, vídeos, atividades práticas, etc.); Como o professor explicou o conteúdo? (exemplo: aula expositiva, debates, exercícios em grupo); Como os alunos reagiram? Participaram, fizeram perguntas ou ficaram dispersos?; Houve atividades práticas ou discussões?; Como era o clima da aula? (exemplo: animado, monótono, dinâmico); Os alunos demonstraram interesse pelo conteúdo?; O professor incentivou a participação? Como?; O que mais chamou sua atenção nessa aula?; O que funcionou bem na aula?; O que poderia ser melhorado?; O que você aprendeu com essa observação?

Terceiro momento, com base nas leituras realizadas e nas observações feitas durante as aulas da professora/supervisora, cada bolsista foi convidado a escolher uma linguagem artística — entre artes visuais, teatro, música, dança ou linguagens híbridas — para desenvolver um trabalho pedagógico com foco na criação de um objeto artístico. A escolha partiu, inicialmente, do interesse do próprio bolsista, mas também considerou o perfil da turma e os interesses manifestados pelos estudantes.





Durante esse processo, foram promovidas reuniões periódicas de acompanhamento pedagógico, nas quais os bolsistas puderam compartilhar inquietações, inseguranças e dúvidas sobre a prática docente. Muitos relataram sentir medo de ministrar uma aula pela primeira vez, o que é compreensível no contexto da formação inicial. Diante disso, a orientação oferecida foi que propusessem atividades com as quais tivessem maior familiaridade e confiança, valorizando seus repertórios pessoais e experiências acadêmicas.

Essa estratégia buscou amenizar o estranhamento natural que ocorre ao se ingressar no ambiente escolar como educador e, ao mesmo tempo, proporcionar aos estudantes da escola uma experiência significativa, pautada pela escuta, pela criação e pela valorização do processo artístico como experiência formativa. O foco foi sempre a construção de vínculos e de sentidos, tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Quarto momento implementação, os bolsistas conduziram oficinas e atividades práticas com os estudantes, priorizando metodologias que valorizassem o processo criativo, a experimentação e o diálogo. Como destaca Ostrower (2010), “o processo criativo é, em si mesmo, um processo de descoberta, e não de aplicação de fórmulas pré-estabelecidas”. O foco das ações esteve na abertura ao novo, na escuta das ideias dos alunos e na construção de experiências que permitissem o exercício da imaginação.

Além disso, inspirados por Kastrup (2008), entende-se aqui o processo criativo como um “modo de conhecimento que se produz no próprio fazer”, ou seja, como um movimento contínuo, que se atualiza à medida que o sujeito interage com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Assim, as propostas desenvolvidas com os alunos não visavam a um produto acabado, mas sim à vivência do próprio processo como espaço de aprendizagem.

As produções artísticas geradas, como jogo, quadro cênico, instalações, exposições e painéis visuais, foram compreendidas como manifestações do percurso formativo dos alunos e bolsistas, expressando os atravessamentos estéticos, afetivos e territoriais vividos no decorrer do projeto.

Quinto momento avaliação. A avaliação do processo foi realizada de forma dialógica e reflexiva, com base em registros escritos, rodas de conversa, fotografias e exposição. A avaliação não se restringiu à verificação de resultados, mas atuou como ferramenta de análise crítica dos caminhos percorridos, em consonância com uma perspectiva formativa e emancipadora.

Produções Artísticas Realizadas

Jogo:





Durante o processo formativo, os estudantes se envolveram na criação e adaptação de jogos que articulam conceitos artísticos, raciocínio lógico e pensamento crítico, sem abrir mão da ludicidade. Entre as criações, destaca-se o “Se Vira na Conta”, uma releitura do tradicional jogo da velha. Para conquistar um espaço no tabuleiro, o jogador precisa resolver corretamente uma operação matemática, estimulando o cálculo mental de forma divertida.

Outro destaque é o “Ludo Imobiliário”, uma versão inspirada no clássico Ludo, em que os participantes são convidados a explorar a “Cidade do Ludo”, comprando imóveis ao longo do caminho. Vence quem conseguir levar seus três peões até o castelo, promovendo estratégias de deslocamento e decisões táticas. Já o jogo “Acerte o Pote” convida os jogadores a lançarem bolinhas em potes posicionados a diferentes distâncias. Cada pote possui uma pontuação, de acordo com o grau de dificuldade de acerto. A cada rodada, os jogadores devem arremessar de pontos mais distantes, o que intensifica o desafio e estimula a coordenação motora e a concentração.

Quadro cênico:

Os alunos do 7º ano do turno integral embarcaram na criação de um quadro cênico inspirado na obra *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago. A partir de uma adaptação coletiva e imaginativa do texto original, os estudantes reescreveram a narrativa, recriando elementos fundamentais da dramaturgia como personagens, ações, tempo e espaço e trazendo a história para mais perto de sua realidade.

Nesta versão, a jornada em busca da Ilha Desconhecida transforma-se numa aventura rumo ao Tijuco, bairro onde está situada a escola, conectando o universo simbólico da literatura à memória afetiva e às vivências cotidianas dos alunos. A encenação foi pensada de forma colaborativa: os personagens foram divididos entre mais de um aluno, garantindo a participação de todos.

Galeria MÃOS DO IAGO:

A Galeria MÃOS DO IAGO nasce como uma homenagem sensível à escola e às mãos criadoras dos estudantes que nela aprendem, vivem e se expressam. Ao colocar os alunos no lugar de artistas, a proposta valoriza cada gesto criativo, reconhecendo que toda produção artística tem potência e merece ser compartilhada, celebrada e respeitada.

A primeira exposição da galeria, intitulada identidade, tem como conceito central a liberdade criativa. Os alunos são convidados a criar obras que expressem sentimentos, ideias,





memórias, sonhos — ou qualquer aspecto de suas vidas que desejem representar. Mais do que uma mostra de arte, a exposição Identidade foi um espaço de escuta, acolhimento e expressão, onde cada obra foi um testemunho do que habita o imaginário de nossos jovens criadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar o percurso dos bolsistas do PIBID na escola, tornou-se evidente que o ensino de Arte pode ser, mais do que um conteúdo programático, um território de experimentação, de criação e de reinvenção do cotidiano escolar. O que se desenvolveu ali não nasceu pronto, tampouco foi produto de fórmulas. Foi tecido no entre — entre uma aula e outra, entre uma conversa de corredor e uma escuta mais atenta, entre o improviso e a intenção. O processo foi o próprio chão sobre o qual se construiu o fazer artístico-pedagógico.

A princípio, alguns bolsistas se sentiram inseguros diante da proposta de elaborar um produto artístico. Mas foi justamente no contato com a prática, na observação das aulas e na lida com os estudantes, que os caminhos começaram a emergir. Como nos aponta Kastrup (2008), o olhar cartográfico acompanha processos, ele não antecipa o trajeto, mas se deixa guiar pelas pistas.

O papel da supervisora, nesse contexto, foi o de sustentar esse olhar externo e afetado: ora instigando, ora propondo, porque, na cartografia, o percurso não é pré-determinado, ele se constrói com o movimento.

Todo esse trabalho se alinha ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao compreender a Arte como um campo do conhecimento que contribui para a formação integral dos estudantes. Segundo o documento, a Arte na escola deve proporcionar a fruição, a criação, o exercício da imaginação, da sensibilidade e do pensamento crítico, por meio de diferentes linguagens e práticas. Ao possibilitar vivências artísticas significativas, os bolsistas caminharam na direção de uma educação que valoriza a experiência estética como forma de conhecer e interagir com o mundo.

Que fique, ao fim, a certeza de que ensinar Arte é abrir janelas onde antes havia muros. E que acompanhar esses processos formativos, com todos os seus tropeços, incertezas e desvios, é também um ato artístico.





REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

KASTRUP, Virgínia. *O saber da experiência e o território inventado*. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 151–166.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

